

Palacio da Ajuda — Desenho de Nogueira da Silva

I

Depois que o memoravel cataclysmo do primeiro de novembro de 1755, abysmando Lisboa n'um verdadeiro cahos, destruiu os soberbos paços da Ribeira, obra de diversos reinados, desde o del-rei D. Manuel até ao de D. João v, ficaram os nossos soberanos por muito tempo sem terem na capital uma residencia digna da realeza.

Salvo el-rei D. José e sua familia dos perigos d'aquelle nefasto dia, refugiou-se em uma das reaes quintas de Belem. Não lhe consentindo o terror ir habitar em casas de solidos materiaes, levantaram-se na quinta extensas barracas de lona, com todas as possiveis commodidades e confortos. N'ellas viveu o monarcha por alguns mezes, sem haver forças que o resolvessem a procurar outra qualidade de habitação.

Como o tempo gasta do mesmo modo as impressões tristes e alegres, veiu el-rei a consentir em que se edificasse ahi um palacio com a necessaria vastidão para se alojar commodamente toda a familia real, mas com a expressa clausula de que não se havia de empregar na construcção marmores ou cantaria.

Assim se edificou no alto de Nossa Senhora da Ajuda, na quinta real chamada de *Cima*, um vasto palacio quasi inteiramente de madeira.

Passado tempo, annuindo em fim el-rei ás repetidas instancias do marquez de Pombal, que aproveitava todas as occasiões opportunas para o convencer do quanto era indecoroso á magestade similhante paço, projectou-se a fundação de um grande e sumptuoso palacio.

Consultaram-se peritos para a escolha do local, e chamaram-se architectos para levantar a planta. Os primeiros dividiram-se em opiniões, preferindo uns Campo d'Ourique, e outros Campolide. Os segundos apresentaram os desenhos de dois magnificos palacios adaptados a cada um d'aquelles sitios. Como porém el-rei consentia na obra mais por comprazer com o seu ministro, que por vontade propria, valendo-se das duvidas e contrariedades dos pareceres, nada acabava de resolver. Assim ficou tudo em projectos. Continuou D. José I a residir no seu palacio de madeira, e ahi falleceu.

Habitando n'este paço a rainha D. Maria I, ateou-se n'elle um violento incendio, no anno de 1795, que reduziu a cinzas todo o lado oriental. A soberana e sua familia foram estabelecer-se no paço de Queluz, e passado tempo decidiu-se definitivamente a construcção de um novo palacio real.

Sendo encarregados de fazer o risco os architectos José da Costa e Silva e Francisco Xavier Fabri, italiano, foi preferida a planta do segundo. Ao cabo de muitas hesitações, escolheu-se para a nova fundação o mesmo local do palacio incendiado. Lançou a primeira pedra nos alicerces em 1802 o principe regente D. João, depois rei.

Principiou a obra com fervor, e assim continuou até ao anno de 1807, em que vieram paralysal-a a partida da familia real para o Brasil, e a invasão franceza.

Com o restabelecimento da paz readquiriram os trabalhos toda a sua actividade, progredindo sem interrupção até agosto de 1833, em que se levantou mão d'elles por causa da guerra da restauração da liberdade e do throno da sra. D. Maria II. Desde essa epocha ficaram parados até hoje.

No longo periodo de 31 annos que durou aquella

construcção, foram dirigidas as obras pelos dois mencionados architectos, por Manuel Caetano de Sousa, que fez muitas alterações na planta primitiva; depois d'este por Antonio Francisco Rosa, e ultimamente pelo brigadeiro Raposo.

Posto que ainda no tempo del-rei D. João VI se concluissem ahi aposentos sufficientes para a familia real, então bastantemente reduzida, só foi habitado logo depois da morte d'aquelle soberano, em 1826, por suas filhas, as serenissimas infantas D. Isabel Maria, sendo regente, e D. Maria da Assumpção, fallecida em Santarem, e pela princeza do Brasil, D. Maria Francisca Benedicta, irmã da rainha D. Maria I, e viuva do principe D. José, a qual morreu n'este paço em 1829.

Em 1828 morou n'elle, nos primeiros tempos depois da sua chegada a Lisboa, o sr. D. Miguel de Bragança; e durante esse curto periodo foi theatro de dois successos que lançaram o paiz nos horrores da guerra civil. O primeiro foi a sessão real em que a sra. infanta D. Isabel Maria, na presença das duas camaras, entregou a regencia do reino a seu irmão. O segundo foi a reunião dos tres estados, que deram a este principe a coroa que pertencia a D. Pedro IV.

Expulso de Hespanha o infante D. Carlos por seu irmão, el-rei D. Fernando VII, em consequencia de se recusar aquelle principe a reconhecer como herdeira do throno a princeza D. Isabel, recem-nascida, e hoje rainha, entrou em Portugal com a sua familia nos principios do anno de 1833, e veiu hospedar-se no palacio da Ajuda. Ahi residiram até que os acontecimentos de julho d'esse mesmo anno os obrigaram a sair da capital e do paiz. Compunha-se esta real familia desterrada, do dito infante, de sua primeira mulher, a infanta de Portugal D. Maria Francisca d'Assis, e de seus filhos, da princeza da Beira D. Maria Theresa, filha primogenita del-rei D. João VI, então viuva do infante de Hespanha D. Pedro Carlos, e actualmente viuva em segundas nupcias de seu cunhado, o referido infante D. Carlos, e finalmente do infante D. Sebastião, filho da princeza da Beira.

Depois d'isto voltou o paço da Ajuda á sua habitual solidão. Em todo o reinado da sra. D. Maria II, de saudosa memoria, apenas alli se deram alguns beija-mãos em certos dias festivos.

Em setembro de 1855 celebraram-se nas suas vastas salas o beija-mão e o banquete real, duas das mais esplendidas funcções com que foi solemnisada a acclamação do tão esperançoso quão mallogrado monarcha D. Pedro V, de gloriosa recordação. Pelo seu consorcio com a sra. D. Estephania cobriu-se outra vez de galas este paço para tomar parte nos festejos, galas ephemeras que a morte brevemente trocou em crepes!

Em fim el-rei o senhor D. Luiz I acaba de elevar este palacio aos altos destinos para que fôra fundado, escolhendo-o para sua residencia, e dispondo-o para servir de habitação condigna dos soberanos de Portugal.

II

Deve ter o palacio da Ajuda, segundo o risco, a fórma de um quadrilongo com quatro magestosas fachadas exteriores, rematando nos angulos em quatro torreões, coroados de tropheos. No centro terá dois grandes pateos quadrados, cada um dos quaes ha de ser cercado por quatro frentes do edificio. Communicar-se-hão os dois pateos por tres magnificos vestibulos, decorados com muitas estatuas de marmore mettidas em nichos. O vestibulo da entrada principal do palacio deve ficar no corpo do centro, que ha de separar os dois pateos, e os outros nas duas fachadas de éste e de léste. Dos tres vestibulos só está feito o da fachada de léste, que olha para Lisboa.

A frontaria principal do palacio é a que está voltada para o Tejo (sul). Compor-se-ha de tres corpos, sendo o do meio mais elevado, e muito mais adornado que os lateraes, e resaltando d'elles sobre o topo da calçada da Ajuda. Foi na respectiva planta d'esse corpo central, que nem principiado está, que o architecto delineou a escada nobre do paço. Os dois corpos lateraes deverão cair sobre os jardins do palacio, que virão guarnecer de ambos os lados, e por bom espaço, a calçada da Ajuda. D'esses dois corpos acha-se acabado o que se estende do centro para a parte de léste até rematar no torreão, que na gravura que publicâmos se vê á esquerda do leitor.

De toda a fabrica projectada sómente um terço se acha erigido, formando a fachada de léste, que a nossa estampa representa, e parte das fachadas do norte e do sul. Porém d'este terço do palacio só metade está acabada interiormente, mas ainda assim offerece amplos e dignos aposentos para a familia real.

A gravura junta dispensa-nos de fazer a descripção da frontaria de léste, á qual falta, para estar completa externamente, a cupula que ha de coroar o corpo do meio. Tanto esta como as outras fachadas são construidas inteiramente de pedra lioz, mui fina e polida, que pertence á classe dos marmores.

Os tres porticos entre as seis columnas doricas dão ingresso para o vestibulo. Este é decorado por grande numero de estatuas allegoricas mettidas em nichos, e representando o *conselho*, a *gratidão*, a *generosidade*, a *innocencia*, o *desejo*, a *diligencia*, a *honestidade*, o *decoro*, a *humanidade*, a *providencia*, a *lealdade*, a *constancia*, a *justiça*, a *prudencia*, a *perseverança*, a *affabilidade*, o *annuncio bom*, o *amor da virtude*, o *amor da patria*, a *intrepidez*, a *liberalidade*, a *acção virtuosa*, a *clemencia*, a *consideração*, e a *piedade*. As tres primeiras são obra de Joaquim Machado de Castro, o auctor da estatua equestre del-rei D. José I. As restantes foram esculpidas por Joaquim José de Barros, Joaquim José d'Aguiar, Faustino José Rodrigues, C. Amatucci, e J. G. Viegas.

Posto que em geral sejam bem proporcionadas, e muitas de um desenho correcto, carecem todavia de certa graça e nobreza, e mais que tudo isto d'aquella expressão sublime com que o artista de genio sabe dar vida ao marmore.

Não se lancem porém estas faltas como culpas aos esculptores mencionados. Não lhes fallecia certamente, o talento, nem o esforço. Alguns tiveram por mestres os mais distinctos esculptores estrangeiros do seu tempo. Joaquim Machado de Castro foi discipulo de Alexandre Giusti, um dos melhores estatuarios italianos do seculo passado, que, sendo chamado por el-rei D. João V para trabalhar nas obras de Mafra, alli fundou uma eschola de esculptura. Do celebre Canova, a quem se dá o epitheto de *principe dos esculptores modernos da Italia*, e que foi um dos mais eximios estatuarios do seculo actual, foi discipulo Joaquim José d'Aguiar. Faltou porém a todos aquelles nossos artistas uma condição essencialissima, sem a qual nem Miguel Angelo, nem Bernini, nem Canova, nem Torwaldsen teriam logrado produzir uma unica obra de primor.

Essa condição essencial, que, infelizmente, faltou n'aquelle tempo, como falta ainda hoje, é a imagem do bello diante dos olhos do artista. Não só a academia das bellas artes, mas quasi se póde dizer que nem a cidade de Lisboa possue uma estatua de marmore que possa servir de typo do bello.

As raras producções de bons mestres, que existem na cidade, e nos seus arrabaldes, são bem pouco conhecidas dos nossos artistas. Algumas estão tão escondidas e desprezadas, que parece até que seus proprios donos ignoram o nome illustre do auctor!

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

TRES CARTAS

III

(Vid. pag. 202)

Eu vi tão pouco da cidade velha, a chamada *city* de Londres, que ponho escrupulo em lhe dizer, meu amigo, que vamos até lá ao sair de Westminster. A *city*, quanto eu fiquei sabendo, é o bairro populoso e commerciante da velha Londres, bairro que a boa sociedade não habita, por onde a boa sociedade não passa, que a boa sociedade quasi não conhece. Não sei por que leis e por que ajustes — porque tomei o apontamento ... entrar em Londres pela estação de *London-Bridge*, e a velocidade do *cab* só me deixava escrever tão mal, que não consigo n'este momento ler o que escrevi! — a *city* é por tal fórma separada e independente da cidade nova, que ha uma porta, a chamada porta do Templo, *Temple-barr*, que a rainha não póde passar sem pedir licença á municipalidade.

Ha por estes sitios umas ruas estreitas, escuras, impossiveis, em que habitam serenamente alguns dos ladrões mais festejados; e a policia ingleza, que é a mais intelligente e activa policia que ha no mundo, tem o bom senso de não se fatigar debalde, e não andar, como os nossos beleguins, a passeiar todo o dia, em excursões não encommendadas, para conhecer o espirito da sociedade. Lá fóra trata-se de um homem quando é preciso agarrar o homem; mas, em quanto essa necessidade se não faz sentir, deixam-no ir vivendo, por peior que haja sido o seu passado, sem estarem em continuos sobresaltos para o não perder de vista. Por isso os ladrões em Londres, em quanto ninguem se queixa, podem fazer o que quizerem; mas, em alguem dando parte d'elles, que se encommendem a Deus! Um dos entretenimentos a que são muito dados os habitantes de uns becos que por lá ha, é o de tosquiar cães roubados em Hyde-park e em Regent-park, para, d'esta maneira, lhes disfarçarem a raça. Tambem ha por lá umas senhoras que se occupam em tirar a marca á roupa, e, naturalmente, não será roupa d'ellas; mas de tudo o mais galante são umas criancinhas, que se sorriem para nós, a quem a gente pede um beijo, abaixando-se, e que nos tiram o relogio com uma perfeição angelica!

Voltemos por S. Paulo, e voltemos depressa para irmos esta noite a Covent-Garden. Diante de S. Paulo pára-se, pasma-se, admira-se, mas não se extasia a gente; é enorme sem ser bello.

Está a egreja de S. Paulo entre *London-Bridge* e a porta da cidade, isto é, no sitio mais animado e ruidoso de Londres. A vista amedronta-se ao fixar aquella montanha, que parece estar desafiando a basilica de S. Pedro de Roma. O *cicerone*, explicando a monstruosidade, faz-nos revelações curiosas, e diz-nos quanto custou, *penny* por *penny*, vintem por vintem, a edificação d'esta obra gigantesca, que parece aguentar, sem esforço, a fria magestade da cupula. O interior do templo é uma serie de maravilhas; as pinturas da cupula, que representam diversas scenas da vida de S. Paulo, são com justiça consideradas em Inglaterra como a expressão da sua melhor pintura. Dos lados do corpo da egreja tudo é cheio de capellas com monumentos funebres; são mais de cem tumulos em que ha para notar excellentes trabalhos de esculptura, de uma concepção fecunda e original.

O *cicerone* conta alguns casos historicos relativos á egreja, que não são destituidos de interesse. Diz elle, por exemplo, que o auctor das pinturas da cupula, que é um pintor inglez de nome arrevesado e pouco sabido, estava pintando, suspenso no ar, em cima de umas taboas sem costas. Ao terminar a cabeça de S. Paulo em companhia de um anjo, quiz julgar do effeito que já produzia o seu trabalho, e, segundo o costume dos artistas, recuou para o observar em distancia. O amigo vê-o recuar, recuar, e estar a ponto de cair porque chegára á extremidade da ultima taboa; então, sem soltar uma palavra, foi-se á cabeça do santo e deu-lhe umas poucas de pinceladas. O pintor cresceu para elle a segurar-lhe a mão, e o outro respondeu-lhe sorrindo:

— Estavas morto se não fosse isto!

Vamos, porém, que é tempo, até ao theatro. O theatro em Londres é uma necessidade para quem quer passar as noites n'uma sociedade morigerada e séria. Por menos sabor que se encontre n'uma representação ingleza, é preciso ir-se alli ao menos encontrar o ideal do actor Theodorico. São tétricos aquelles bons homens, e soturnos, e lugubres, como defunctos do anno antecedente; se não fossem tão gordos fazia-se d'elles fantasmas perfeitissimos. Deve louvar-se todavia o cuidado escrupuloso que prestam ao que fazem, a profunda attenção com que escutam os seus interlocutores, e o relêvo que dão á acção que representam. Estão em scena completamente esquecidos do publico, seguindo o drama sem o perderem de vista, e restabelecendo por esta fórma a unidade que o andamento incerto do systema do theatro inglez poderia alterar. Os actores são uns homens enormes, de attitudes exaggeradas, physionomia de uma accentuação desagradavel, gestos violentos, dicção brusca, e vestuario melodramatico. Os theatros de declamação em Londres vivem quasi todos de traducções e imitações de peças francezas; apenas em theatros de segunda ordem se representam constantemente as admiraveis tragedias e comedias de Shakspeare. O publico inglez, cujas fibras não se alimentam senão de *roas-beef* e de *porter*, precisa que lhe apimentem o appetite, e exige dos actores nas scenas de morte e de agonia uma verdade material, uma *exactidão do caso*, que em Portugal sería para largarem todos a fugir pela porta fóra.

Ha dois theatros lyricos, o de *Covent-Garden* e o *Her-Majestys*: eu fui unicamente ao de Covent-Garden, por isso só posso fallar-lhe d'este. É o unico theatro, de todos os que vi em França e em Inglaterra, que realmente me surprehendeu. Muito mais espaçoso do que o nosso de S. Carlos, e muito mais rico de adornos, abrilhanta-se principalmente pelo prestigio que offerece o encantador espectaculo de estarem todas as senhoras em *toilette* de baile, e os homens de casaca preta e gravata branca. Perdoa-se depois de entrar na sala, e de admirar o effeito esplendido que isto produz, a exigencia, um pouco seccante, de impor ao publico a maneira de se apresentar.

Para os logares da primeira platéa ha sempre uma difficuldade enorme em alcançar bilhete, e a não o comprar nos armazens de pianos, muito mais caro que o seu preço, que já de si é um guinéo (uma moeda), torna-se preciso encommendal-os com antecedencia de quinze dias. Eu fui na primeira noite para a segunda platéa, que é excellente, que impõe os mesmos rigores de trajo, e que custa dez schellings (meia moeda); cantava-se o *Roberto do Diabo*, de que já pela rua uns rapazes que acompanhavam, correndo, a carruagem que me conduzia, me offereciam o folheto, introduzindo o braço pela portinhola, a gritarem «Robert! Robert!» com uma tenacidade satanica digna de Bertran!

Chego á platéa; entrego o meu bilhete a um porteiro, ao passo que outro porteiro me abre o paletot, e me examina gravemente; convencido de que trago casaca, olhando com reverencia para a minha gravata branca, faz-me um comprimento amavel, que significa: — Está em termos; póde entrar!

Entro. Em redor de mim, adiante de mim, por cima de mim, na galeria, immensas casacas com gravata branca me contemplam. Nos camarotes as senhoras, em luxuosa e deslumbrante *toilette*, ostentam a alvura admiravel da sua cutis, que tem o poder de sobresair aos seus brancos vestidos de gaze; nota-se muitas flores, muitos diamantes, muitos enfeites, isto é: enfeites, diamantes e flores de mais; mas, a pouco e pouco, deixa de haver tempo de olhar para outra coisa que não seja a belleza de cada uma, belleza encantada, belleza indefinida e indescriptivel, belleza de sonho, de visão ou de anjo. Ellas conservam-se bonitas — ó milagre! — mesmo encostadas brandamente ao parapeito do seu camarote, a deitarem inglez pela boca, operação cheia de difficuldades, que obriga toda a gente a fazer caretas e contracções musculares indispensaveis á boa pronuncia. Onde encontrou a natureza, para lhe dar, aquella mascara de tanta pureza, tanta correcção e tanta vida, a que a paixão mais violenta não póde alterar as soberbas linhas! Belleza de uma melancolia serena e suave como uma noite de verão.

Não as julgue frias, segundo o que se diz d'ellas. Frias são as francezas, porque são calculistas e *espirituosas:* as inglezas não fazem calemburgos; alli, ter graça é ser formosa. Nem cuide alguem que são meninas educadas a fazer sandwichs para o chá; são amantissimas da leitura, e dizem-me que, geralmente, são muito instruidas. O que eu sei e vi, é que tem o ar mais distincto, montam perfeitamente a cavallo, e são de uma finura de corpo que cuida a gente que vão a quebrar-se. O peior d'isto é que, apesar do seu tom debil e poetico, aquellas meninas comem dois arrateis de carne por dia!

Já, porém, corre para os lados a enorme cortina de seda que cobre o panno de boca, e que se abre ao ultimo signal do chefe da orchestra. Depois de uma symphonia admiravel, porque a orchestra é, além de enorme, magnifica, levanta-se o panno, e principia a opera de Meyerbeer. Estão em scena Tamberlik e Formis. Pergunto a um inglez que está a meu lado, e que me pediu desculpa, em francez, de me pisar... em inglez, isto é, com desastrada força:

— Este Bertran é o tal baixo profundo Formís?

— Exactamente.

— Que edade terá?

— Sessenta annos.

— É possivel!

— Redondamente possivel. É um cantor experimentado, que conhece a scena e o publico, e que já não se inquieta por aquella nem o assusta este. O tablado é a casa d'esse velho senhor. Por alli passeia, conforme está vendo, e de vez em quando digna-se illudir-nos, figurando-se moço pela voz!

Este inglez era sincero. O baixo Formis illude tanto quando canta como quando está calado: é um artista completamente cançado, grande mestre, mas não dispondo senão de fraquissimos recursos para se sustentar; fórma a voz na boca, e sólta, por vezes, notas de uma extravagancia irrisoria. Os nossos fieis alliados, que tem completa ausencia do instincto musical, applaudem-n'o da mesma maneira quando elle é soffrivel e quando é intoleravel, e chegam a dar-se ares de enthusiasmo quando o lyrico ancião rompe em gestos cavalheirosos, dando pelo braço o que não póde dar pela garganta, e parecendo pelo accionado atirar uma nota ao ar.

Em quanto a Tamberlik, deve dizer-se que é ainda um excellente tenor, sem ser todavia um tenor para phreneticos triumphos — senão no momento de soltar a sua famosa nota. Os inglezes adoram-n'o por causa d'essa nota — uma nota altissima, a que ninguem chega, e a que chegue elle; embora cante pouco o resto da opera, pedem-lhe apenas, e só exigem d'elle que os favoreça com o supremo gozo do seu *dó* de peito, coisa que lhes faria dó a elles, pelo incrivel esforço a que obriga o cantor, se elles fossem capazes de ter dó de alguem em se propondo a applaudil-o em seguida! Quando Tamberlik esteve em Lisboa devia ser um tenor divino; ainda hoje, para ser justo, devo confessar que dos mais famosos que aqui temos escutado n'estes ultimos tempos, Miraglia, Malvezzi, Mirate, Fraschini, apenas este ultimo me parece comparavel áquelle artista, pelo gosto, pelo saber, pelo segredo supremo de não deixarem conhecer onde podem chegar, e onde já não podem, e, principalmente pela segurança do methodo, que os deixa brilhar até pela maneira por que se servem da voz que já não tem!

Era um *Roberto* cheio de paixão e energia, phantastico e sympathico ao mesmo tempo, que soltava por vezes notas vibrantes e cheias, e n'outras occasiões tinha a habilidade de se fazer admirar por *empalmações musicaes*, prodigios da arte, que chegavam a valer bem a voz que suppriam!

As damas eram a celebre Penco e a Battu; creio que a parte de *Alice* não é uma das mais favoraveis ao seu magnifico talento; mas, em todo o caso, desenvolve-o n'esta opera mesmo de uma maneira brilhante; o campo de batalha não é talvez tão felizmente escolhido como n'outros *spartitos;* mas o valor da guerreira é o mesmo, e, apesar dos obstaculos, ganhou uma victoria gloriosa ainda! Na parte da Princeza, a Battu pareceu-me uma bonita voz, e um lindo rosto, e foi applaudida na proporção d'estas duas condições, isto é, com as mãos... e com os oculos.

Quando chegou o acto do cemiterio, julguei-me transportado a um sonho de fumista d'opio. Um bando alado de bailarinas se ergueu dos tumulos e voou pela scena. Nem o pastor Aristéo avistou nunca mais seductor enxame. Eram bellezas de todas as nações, recrutadas caprichosamente pelo oiro despotico da Inglaterra; lá estava a franceza graciosa, que mostra o pé, mais a pallida italiana, que escolhe o amante pela largura d'hombros; alli vi a ardente hespanhola, que, quando o sol foge, allumia a terra com o seu olhar, e a allemã sonhadora, que conta ás estrellas os poeticos segredos da sua alma. Era uma alluvião maravilhosa! Dir-se-hiam visões phantasticas do paiz dos lagos!

Quando eu mostrei estranheza ao inglez que me estava ao lado, de ver as dançarinas tão pouco vestidas n'um paiz tão grave como o seu, respondeu-me esse excellente visinho:

— E então os *quadros vivos*, que o mundo tanto admirou, não saíram da Inglaterra?

— Que me diz! Os quadros vivos!

— Estrearam-se em Londres, na sala de Roma!

— E o *cant* britannico admittiu uma mythologia vestida tanto á fresca?!

— N'este seculo de paletots era preciso não deixar esquecer a fórma humana, e entendemos ser bom recordar de tempos a tempos a nossa anatomia!

— Entenderam muito bem!

— O sr. nunca leu a *Viagem na Suissa*, de Goethe?

— Já li.

— Lembra-se de um pedido que elle faz ao seu amigo Frederico?

— De se despir, e ir passeando pela paizagem em costume de marmore grego...

— E faz por essa occasião uma reflexão mui sensata, — que havia tido mil occasiões de admirar as bellezas da natureza, mas nunca combinadas com as do homem! Os povos do norte são muito dados a expedientes que tem por fim não deixar chegar as coisas a um estado em que a creatura, graças aos arrebiques da moda franceza, appareça com ares de animal fabuloso!

Achei ser tempo de fazer um comprimento a este filho d'Albion pela correnteza do seu francez, e apro-

veitei o ensejo. Elle sorriu-se modestamente, e ia calar-se, se eu lhe não confessasse a raridade que estava sendo para mim em Londres ouvir fallar a lingua franceza.

— Convido a sua attenção, me disse, para ponderar uma circunstancia.

— Da melhor vontade!

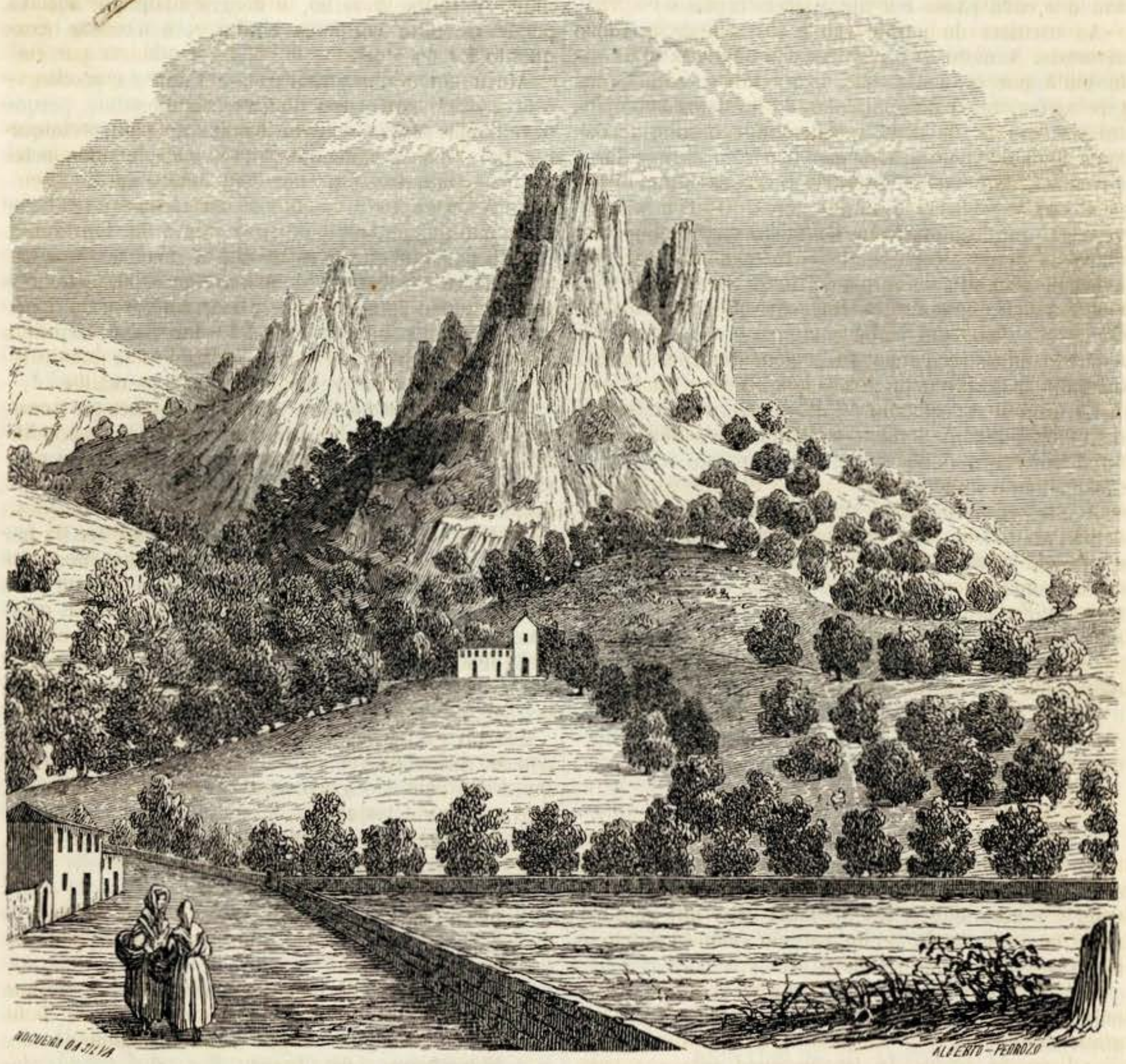
— É que, sendo raro encontrar inglezes que fallem francez, é mais raro ainda encontrar francezes que fallem inglez!

— Tem razão! respondi, não podendo deixar de reconhecer justiça n'esta observação, em que se revéla o bom senso inglez.

Nos intervallos vae-se ao botequim consumir algumas limonadas gazozas, refresco muito estimado em Londres, ou beber *ale*, ou tomar gelados, que são muito mais bem feitos que em Paris: cada gelado custa um *schelling* e dois *pences* — dezoito vintens!

No fim do espectaculo, as senhoras embuçam-se n'um manto vermelho, que algumas põem a tiracollo, e que sobre o seu trajo branco sobresáe como uma lingua de fogo: uma longa fila de carruagens estaciona na rua á espera do publico, e cada qual, fazendo-se transportar a sua casa, mergulha-se no silencio pavoroso das noites de Londres.

(Continúa) JULIO CESAR MACHADO.



Monte da Penha em Portalegre — Desenho de Nogueira da Silva, segundo um esboço de Lopes Mendes

Agora a saudade do passado,
Tormento puro, doce e magoado.
CAMÕES

Que deliciosa que é a habitação em Portalegre, situada em ponto d'onde se aviste o magnifico panorama que offerece o monte da Penha!

Encantadora maravilha da natureza! Para a pintar muitos ambicionariam a palheta dos que se tem immortalisado pela producção das mais formosas paizagens, de Vernet ou Wateau, do mimoso Vieira portuense, ou dos continuadores da nossa gloria artistica, os illustres contemporaneos Annunciação e Christino.

Nós, destituidos das faculdades que servem para traduzir as inspirações do genio, invejâmos a penna de oiro do inimitavel Garrett. Só com ella descreveriamos fielmente todas as graças, a belleza incrivel de uma das obras mais primorosas que saiu da mão de Deus.

Mau grado nosso, não possuimos nem a palheta admiravel, nem a penna inimitavel. Adstrictos á condição do geral dos homens, que mal podem comprehender e ainda menos delinear as obras em que o Creador fez sobresair a poesia da natureza, deveramos renunciar ao intento de fazer tal descripção; mas, impressões ha que rasgam indomitas o silencio ou o proposito já formado, prorompendo imperiosamente em expansões irresistiveis. Do numero d'essas impressões são as que recebemos em quanto tivemos a ventura de

gozar a deleitosa vista do alcantilado monte da Penha e do risonho valle que o circunda.

Para dar expansão a tão gratas e suaves impressões, vamos tentar o esboço d'esse quadro pittoresco. Os honrados habitantes de Portalegre, a quem o dedicâmos, não deixarão de acolher benignos este testimunho do *tormento puro e magoado* que o poeta denomina sentimento, e que nos segue e acompanha do tempo que entre elles gostosamente passámos.

É magnifica a perspectiva do monte de Nossa Senhora da Penha, em frente da bella cidade de Portalegre! Eleva-se a uma grande altura o pinaculo que o coroa, formado de rocha viva, dominando um extenso e ameno valle ornado de fertilissimos vergeis, por onde correm riachos de cristallinas aguas, e abundando a cada passo em mananciaes copiosos.

As encostas do monte são revestidas de frondoso arvoredo. Numerosas oliveiras estão offerecendo os mimosos ramos, symbolos da paz que alli se goza. N'outras partes, tufos disseminados de arbustos verdejantes brilham á luz do dia, ostentando o colorido das mais bellas esmeraldas. Matizam o sólo muitas flores silvestres, que na estação propria apresentam o aspecto de variegadas e lindas côres. Os caminhos e veredas que conduzem á cumiada serpenteiam por entre as arvores; e a meia encosta do monte lá se avista a bem situada egreja de Nossa Senhora, branca como a açucena que esbelta sobresáe no meio dos lyrios e rosas. Não podia imaginar-se mais bello e ajustado adorno da mão do homem em obra natural de tanta magnificencia.

Em fim, o espectaculo é tal, que só os sentidos podem gozal-o com delicia; a penna porém desfallece ao descrevel-o, e só reproduz um pallido reflexo de tão brilhante imagem.

Avalie, comtudo, aquelle que não teve ou não tiver a ventura de admirar de perto a linda vista do monte da Penha em Portalegre, a impressão que se experimenta na presença d'essa obra prima da natureza, lançando os olhos para a gravura que serve de introducção a este tosco bosquejo.

Se ainda assim ousámos emprehendel-o, foi pela certeza de que ha de supprir-lhe as faltas a fidelidade e relevo do desenho, tirado fielmente na propria localidade pelo bom amigo que fez favor de nol-a offerecer. — Lisboa 4 d'agosto de 1862.

N.

Ao honrado decano da magistratura administrativa, o sr. conselheiro Nicolau Pereira de Bittencourt, devemos a excellente vista de Portalegre que publicâmos, acompanhando-a elle proprio com as saudosas recordações que se acabam de ouvir, devida retribuição do respeito e affecto que os povos d'aquelle districto lhe manifestaram durante o tempo que foi seu governador civil.

O HOMEM QUE NÃO PODE CHORAR

POR ALEXANDRE DUMAS

(TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO)

(Vid. pag. 206)

Tinham mandado fazer á menina Lia um trajosinho de camponeza, para que não causasse assombro verem-na caminhar a pé.

Ao cabo de quatro dias de jornada, em cada um dos quaes andou umas cinco ou seis legoas, chegou á cabana do carvoeiro.

Bateu á porta, porque era de noite. O carvoeiro veiu abrir. Como seu pae lhe dissera, o habitante do pobre alvergue era um formoso velho de oitenta annos com barba e cabellos brancos. A solidão e a tristeza tinham-lhe imprimido na physionomia uma especie de magestade. Fitou-a por muito tempo sem lhe dirigir palavra; bem percebia elle, que umas feições tão finas e tão delicadas, uma pelle tão alva, e mãosinhas tão rosadas, não casavam com o trajo de camponeza que vestia.

Perguntou-lhe, emfim, quem era e o que queria.

Lia contou-lhe como promettêra a seu pae que iria pedir ao velho a perola que faz chorar; e como tendo seu pae depositado confiança na sua promessa, chegára á cabana.

— Não é pequena a sua empreza, minha pobre menina, disse-lhe o velho, e desgraçadamente não depende de mim só; mas emfim, prometto-lhe fazer quanto for possivel.

Abriu então um armario que tinha na parede, e estava cheio de frascos de diversos tamanhos, porque o velho preparava elixires tirados de plantas salutares para dar aos doentes, que, abandonados pelos medicos, iam ter com elle.

Entre estes todos escolheu um tão pequeno, que mal continha um copo de licor. Continha um liquido côr de purpura que o velho deu á criança.

— Receba este frasquinho, minha filha, e tome o seu conteudo quando estiver para adormecer; o que vir em sonhos será o que deve fazer para acudir a seu pae.

Lia agradeceu ao velho do fundo d'alma.

— Mas, perguntou-lhe ella com inquietação, onde hei de passar a noite, não posso metter-me a caminho; pelo escuro iria perder-me por esses carreiros fóra; faz muito frio. E se eu encontrasse algum animal feroz ou alguns malvados?

— Dorme esta noite na minha choça. Tenho por vezes dado hospitalidade sob este tecto a viajantes extraviados. Costumo então dormir n'uma enxerga, a menina póde ficar n'uma cama nova de fetos e musgos.

E effectivamente arranjou anninho para a criança n'um canto do quarto, e em seguida preparou-lhe a ceia com pão, leite, e morangos excellentes.

Lia teve uma das melhoras refeições da sua vida: depois, retirando-se para o seu quarto, despejou o frasquinho, e quasi em acto continuo caíu na sua cama de musgos e fetos morta de somno.

Então principiou a ver, mal que cerrou os olhos, um espectaculo maravilhoso.

Estava n'um immenso jardim, esmaltado de flores tão esplendidas, que nunca na sua vida se lembrava de ter visto coisa que o similhasse; pelo que comprehendeu logo que não estava na terra, e se não estava ainda no ceo, estava ao menos n'algum planeta intermedio.

Grandes e magnificas borboletas de azas de oiro e azul volteavam de flor em flor; dos calices das rosas e dos lyrios repuchavam jorros d'agua que tinha a côr das flores d'onde saía; cada jorro d'estes formava um arco iris de vivas cambiantes, e reflectia um sol; mas os olhos de Lia podiam fitar-se n'estes sóes sem se deslumbrarem.

Porém o que viu mais bello e mais extraordinario, foi um grupo de anjos com azuladas tunicas e azas de prata. Uns tinham coroas de flores; outros coroas de estrellas, e alguns uma lingua de fogo apenas ondeando-lhe sobre a fronte; estes, em menos numero, pareciam mandar nos outros.

Todos estes anjos eram de uma formosura arrebatadora, e a expressão particular da sua physionomia indicava uma inefavel doçura.

Cada um tinha a seu cargo uma missão especial. Um roçava pela terra a extremidade das azas argen-

tinas, e o rasto que o roçar deixava cobria-se logo de plantas e flores.

Era o anjo da primavera.

Resvalava o outro pelo espaço levando apoz si um comprido manto bordado de estrellas.

Era o anjo da noite.

Aquell'outro erguia-se como a tutinégra até ás alturas, com a polpa do dedo tocava o oriente, e o oriente inflammava-se logo com rosadas labaredas.

Era o anjo da aurora.

Este com um triste sorriso, temperado por uma admiravel serenidade, precipitava-se no espaço levando uma cruz em punho.

Era o anjo da morte.

Um anjo co[illegible] flores estava dando estas explicações á [illegible]a.

— Como isto tudo é bello, grande, magnifico! — exclamou ella. Mas dize-me meu bom anjo, além vejo eu um dos vossos irmãos que sustenta uma balança de oiro cheia de perolas; qual é o seu mister? Que apparencia tão séria, mas que expressão de bondade!

— É o anjo das lagrimas, respondeu-lhe o que ella interrogava.

— O anjo das lagrimas, exclamou Lia, era esse que eu procurava! E adiantou-se para o bello anjo com as mãos juntas em attitude de supplica, e sorrindo-lhe com affabilidade.

— Sei o que queres, disse-lhe o anjo, mas julgas tu firmemente que eu possa auxiliar-te? N'uma palavra, tens fé?

— Creio que me pódes valer, meu bom anjo, se Deus o permittir.

— É essa a verdadeira fé porque ascende ao Senhor, disse o anjo. Vês estas perolas, puras e transparentes como o cristal? São as lagrimas de amor que os homens derramam pelas que amaram; vês estas perolas toscas, são as lagrimas que derramam as victimas da injustiça e da perseguição; estas perolas rosadas são as lagrimas de compaixão que derramam os bons pelos padecimentos do proximo; finalmente, vês estas perolas doiradas, são as lagrimas do arrependimento, as mais preciosas de todas aos olhos do Senhor. Por ordem do Altissimo recolho todas estas lagrimas, que, n'um dia, quando chegar o momento da recompensa, serão lançadas na balança eterna, da qual um dos pratos se chama *justiça* e o outro *misericordia*.

— Anjo de formosura e de bondade, tu que sabes tudo, has de saber tambem porque me aproximo de ti; tu que és o anjo das lagrimas deves ser o melhor anjo, faze pois, supplico-te, com que meu pae, que não é culpado dos peccados de meu avô, possa chorar, para que lhe não arrebente o coração.

— Ha de ser difficil, disse o anjo, mas o Senhor ha de valer-nos.

— E como? — perguntou a criança.

— Fazendo com que aches uma lagrima que seja a reunião de duas lagrimas: uma de arrependimento, outra de amor, e derramadas por duas pessoas differentes; estas duas lagrimas reunidas formam a perola mais preciosa de todas, e só esta perola é que póde salvar teu pae.

— Ensina-me então onde é que a posso encontrar, lhe supplicou Lia.

— Resa ao Senhor e elle te encaminhará, disse o anjo.

Sonhando ainda, Lia ajoelhou e começou a resar.

Quando acabava a sua oração despertou, mas a visão tinha-se desvanecido.

Quando foi dia contou ao carvoeiro o que vira em sonhos, e perguntou-lhe o que havia de fazer.

Toma o caminho de tua casa, minha filha, respondeu o velho. O anjo prometteu-te que Deus te havia de auxiliar; espera com inteira confiança, os anjos não mentem.

Lia agradeceu ao velho, almoçou, e poz-se a caminho.

Mas a meio do segundo dia, apparaceu um denso novoeiro, que fazendo com que Lia perdesse de vista as montanhas entre as quaes ia andando, e por onde se dirigia, transviou-a pouco a pouco.

De repente viu diante de si um precipicio que cortava o caminho, e lá no fundo ouvia-se bramir a corrente.

Lia parou. Era evidente que se tinha enganado na estrada, porque á vinda não encontrára tal precipicio. Olhou para todos os lados; mas não podia ver coisa alguma. Entrou a chamar, e ouviu uma voz que lhe respondia.

Encaminhou-se logo na direcção da voz.

D'ahi a pouco viu uma velha que andava apanhando ramos séccos na floresta. O nevoeiro tinha-lhe interrompido o trabalho; mas como tinha o feixe quasi completo, estava-se preparando para recolher, quando ouviu a voz de Lia e lhe respondeu, percebendo logo que era chamar de pessoa afflicta.

Lia que tinha pressa de seguir seu caminho, perguntou-lhe se não haveria meio de descer ao precipicio e atravessal-o.

Por amor de Deus, minha filha, exclamou a velha, não faça isso, é um abysmo quasi a prumo, e que quanto mais para baixo, mais perigoso se torna. É preciso para saltar por cima d'elle ter azas de passaro, ou para o atravessar pernas de cabra monteza.

— Então, minha boa mulher, tornou-lhe Lia, ensine-me outro caminho por onde possa voltar para casa de meu pae.

E disse-lhe que era para Hamburgo que desejava voltar.

— Como está longe da estrada, pobre criancinha! respondeu-lhe a boa da mulher.

— Não tem duvida, respondeu a criança, tenho animo, ensine-me sempre.

— Com este espantoso nevoeiro não atinaria nunca, querida menina; mais vale esperar que o nevoeiro passe; não costuma durar mais de vinte e quatro horas.

— Mas em quanto o nevoeiro não passa, onde hei de eu ir parar? Não haverá, ao menos, alguma estalagem aqui perto?

— Não ha nenhuma n'estas quatro legoas mais chegadas; mas eu dava-lhe hospitalidade com todo o gosto, se lhe conviesse a minha pobre choupana.

Lia acceitou com reconhecimento e seguiu a velha, que, apesar do nevoeiro, a encaminhou direita a casa.

(Continúa)

REINADO DE D. AFFONSO VI

(FRAGMENTO)

PAZ ENTRE PORTUGAL E HESPANHA EM 1668

(Conclusão. Vid. pag. 199)

Na manhã do dia 10, Saint-Romain procurou o principe. A grande pressa que de todos os lados havia para adiantar e concluir a negociação da paz, foi objecto das queixas do abbade. D. Pedro escutou-o com bom semblante, mas respondeu, como de costume, por entre os dentes, poucas palavras que ninguem era capaz de perceber.

Depois d'isto o principe assistiu ao conselho sobre o negocio de Ceuta. Depois do conselho propuzeram a questão nos Tres-Estados. A decisão d'estes foi que

valia mais ceder Ceuta aos hespanhoes, que differir a paz, visto que o tempo, a que os poderes do marquez de Liche eram limitados, expirava no dia 13. Desde logo se ficou entendendo, como havia dias se pensava já, que a paz se concluiria e assignaria n'esse dia. Se não fosse contrariada pelo mau tempo, a fragata franceza, que até alli não pudéra saír do Tejo, teria partido para avisar d'isto, da parte do abbade, a el-rei christianissimo. Saint-Romain protestára saír pouco de casa, e não ir ao paço senão por grande necessidade, mal a assignatura do tratado se declarasse.

Depois d'esse ultimo golpe dado na alliança franceza, a rainha acreditava que o governo portuguez se não descuidaria de procurar meios de adoçar a França. Fallando ella ácerca da retirada das tropas, respondeu-lhe o governo que deixaria com ellas embarcar cavallos, e que á excepção dos navios, que não tinha, nada deixaria n'esta occasião a desejar do seu dever e cortezia, não consentindo que nenhum dos soldados portuguezes passasse ao serviço de Hespanha.

Da parte do principe nada se tinha communicado ao enviado francez; pelo contrario, procurando o abbade, acompanhado de Schomberg, fallar-lhe, n'essa noite do dia 10, quando nos Tres-Estados se tratava da restituição de Ceuta, não o podéra conseguir. E ainda na vespera lhe mandava o secretario das mercês embalal-o com esperanças!

O marquez de Liche propoz um armisticio, em quanto se não trocavam as ratificações. Os portuguezes recusaram, temerosos de que isso não désse á rainha de Hespanha logar a demorar a sua ratificação, ficando esta paz exposta ás incertezas e acasos do futuro.

Continuou a dizer-se que Duarte Ribeiro de Macedo seria enviado a França, indo em companhia de Southwell n'uma fragata ingleza, que o deitaria em Dover. Envial-o-hiam n'esta conjunctura para desculpar a paz, e residir na corte, em logar de Francisco Ferreira Rebello, se Luiz XIV o acceitasse? Ninguem sabia dizer se elle ia encarregado d'alguma proposta para suavisar as coisas; antes parecia haver esperança de que o rei de França se apaziguasse por si mesmo, pois se o não fizesse podia transtornar os negocios da rainha de Portugal, obrigando os portuguezes a entrarem na liga que a Hespanha propunha contra a França, e fazendo perder aos francezes o commercio que em Hespanha podiam fazer por intermedio de Portugal. A rainha, estava por assim dizer entre as mãos e á discrição dos portuguezes. Participava talvez por isso da opinião portugueza, e desejava que Luiz XIV sem fazer caso do que se passava continuasse a Portugal a sua amizade e protecção. Saint-Romain, invocando o mesmo interesse da rainha, dizia ser de opinião contraria. Queria que os portuguezes temessem alguma coisa da parte da França; cria que um procedimento timido nos daria forças para lhe faltarmos mais, e lhe fazermos novas injurias. Devia o rei dar em todo o caso algum signal do seu resentimento, retirando de Portugal, com as tropas, o seu enviado, sem o fazer substituir ao menos tão cedo. Depois podia modificar-se, fazendo conhecer a Portugal que esperava o resultado e conclusão do casamento da rainha para tomar as ultimas resoluções.

Ao ouvir a opinião do abbade, disse a rainha que o procedimento proposto lhe parecia bom e conveniente aos seus interesses: entretanto na sua physionomia deixava perceber que desejaria menos resentimento.

Os boatos eram infindos, e multiplicavam os cuidados e receios do partido francez. Insistia-se em que os inglezes propunham a Portugal entrar na sua liga com a Hespanha contra a França; liga não concluida ainda, mas que se concluiria em breve. Quanto se fazia e dizia parecia auctorisal-o. Queriam que o corpo inglez que servia em Portugal passasse a Hespanha. Assegurava-se mesmo, que a Inglaterra promettêra aos hespanhoes enviar-lhes mais seis regimentos de infanteria e dois de cavallaria. O corpo inglez que estava aqui era composto de dois regimentos de cêrca de 600 homens de pé, e de um de cavallaria com 250 cavallos, commandado pelo filho mais velho do conde de Schomberg. Tambem por outra parte se dizia, que tanto os hespanhoes como o embaixador inglez andavam de commum accordo, dispondo os portuguezes a ajudal-os a desmoralisar e tirar á França o regimento de allemães, sob pretexto de que se formára de vendidos e desertores das tropas de Hespanha.

Em tal disposição de coisas, a rainha de Portugal temia que os inglezes arrastassem este reino á liga contra a França, se el-rei christianissimo manifestasse grande resentimento pela paz particular que se negociava. Em defesa de Portugal podia a França considerar:

1.º Que os ministros de Inglaterra, que serviam em Hespanha, e cuja paixão pelos hespanhoes era conhecida, podiam ter ido além das ordens que tinham, e fazer muitas coisas em seu favor, contra a intenção del-rei seu amo.

2.º Que em geral Portugal não se tinha inclinado á paz com tanta precipitação, senão por extremamente cançado da guerra, e por uma verdadeira falta de homens e dinheiro para a continuar. Schomberg fôra testimunhar que nos ultimos dois annos os recrutas eram na maior parte rapazes de 12 a 13 annos. Quanto a finanças, a desordem e empenho dos rendimentos do estado eram tamanhos, que muitos annos de paz e de boa administração não saberiam nem desembaraçal-as nem restabelecel-as.

3.º Quando mesmo a nação portugueza não fosse tão cançada e exhausta, a tendencia da sua indole não era já para grande agitação, e nada a obrigaria a tomar as armas senão a necessidade de defender-se, quando fosse atacada. N'um unico caso poderiam os inglezes attrair Portugal á sua liga: fôra se os hollandezes nos fizessem effectivamente a guerra com que nos ameaçavam; porque então só de Inglaterra nos poderiam vir meios para resistir no mar e em colonias tão remotas. Portugal seria então mais um encargo aos seus alliados, que um amigo util.

Não estavamos em estado de recomeçar a guerra a favor dos francezes, nem mesmo de darmos parte dos soccorros de homens e dinheiro que recebêramos da França. Muito seria se a rainha e o principe depois do seu casamento podessem estabelecer a sua auctoridade e subjeitar a nobreza aos seus deveres e á razão. O consumo das mercadorias francezas em Hespanha era consideravel, e mais ainda a commodidade do porto de Lisboa para as embarcações francezas que iam e vinham do Levante ao Poente. Só uma guerra aberta podia privar a França de um e de outro interesse; mas as apparencias não mostravam que os portuguezes se deixassem levar a ella, se os francezes não fossem os primeiros a começal-a. O procedimento posterior da França mostrou que ella comprehendia tudo isto.

O tratado de paz particular entre Portugal e Hespanha foi em fim assignado em Lisboa no dia 13 de fevereiro de 1668, á noite. Se o partido francez contra a sua espectativa ficou vencido, diga-se, em abono da verdade, que não foi só pela opinião do governo portuguez, mas sobre tudo pela do paiz, para o qual a continuação do estado de guerra, procrastinado por quasi vinte e oito annos, era já incomportavel.

José de Torres.

Explicação do enigma do numero 23

O trabalho e o estudo são coroados pela fama.